

**O ADVENTO DO SOCIAL EM HANNAH ARENDT – Trabalho, Entretenimento  
e Black Mirror**

Daniel da Silva Chiechelski, [daniel.chiechelski@gmail.com](mailto:daniel.chiechelski@gmail.com)

Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH,  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – BRASIL

**Resumo:** O presente trabalho analisa a obra *A Condição Humana*, de Hannah Arendt. Serão examinados os conceitos gerais do termo *vita activa* do pensamento arendtiano. Especificamente, adentraremos no capítulo II, seção 6, em que Arendt explicita a problemática referente ao advento do social. Finalmente, tentaremos aplicar, de maneira breve, os conceitos gerais da teoria arendtiana e a problemática decorrente do social a um caso específico, qual seja, o capítulo 2 do seriado *Black Mirror*.

**Palavras-chave:** Hannah Arendt. Advento do Social. Ascensão do Trabalho.

**Abstract:** This paper analyzes the work *The Human Condition*, by Hannah Arendt. The general concepts of the term *vita activa* of Arendts thought will be examined. Specifically, we will enter in chapter II, section 6, in which Arendt explains the problem concerning of the social advent. Finally, we will try to apply briefly the general concepts of the Arendts theory and the problems arising from the social to a specific case - the chapter 2 of *Black Mirror*.

**Key words:** Hannah Arendt. The social advent. The work rise.

### **Introduzindo as atividades fundamentais da vida humana (*vita activa*)**

O presente trabalho tem por escopo analisar o advento do social à luz da teoria arendtiana. No entanto, para melhor compreensão da categoria do social em Hannah Arendt, precisamos, primeiramente, atermo-nos à fenomenologia da *vita activa* em *A Condição Humana*<sup>1</sup>. Por isso, passamos a expor as atividades fundamentais da vida humana para o posterior esclarecimento do que é o advento do social.

Destacamos, com efeito, que com a expressão *vita activa* Hannah Arendt pretende designar três atividades humanas fundamentais no seu entendimento, quais sejam: o

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, utilizaremos a seguinte tradução da obra: ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. Tradução de Roberto Raposo.

trabalho, a obra e a ação. Isso porque, segundo a autora, cada uma dessas atividades se refere a uma condição básica do ser humano<sup>2</sup> na Terra.

Nesse sentido, o trabalho (*labor*) seria a atividade referente ao processo biológico do ser humano, ligado às necessidades vitais. Por isso, Arendt refere que a condição humana do trabalho é a própria vida.

No que se refere à obra (*work*), tal atividade corresponde à não-naturalidade (não recorrência do mero ciclo vital da espécie). Desse modo, a obra proporciona um mundo artificial de coisas (não-natural), mundo este destinado à transcendência da vida individual. Com efeito, tal condição é a mundanidade.

Por fim, no tocante à ação (*action*), essa atividade ocorre diretamente entre os homens (não é mediada por coisas ou matérias) e corresponde à condição humana da pluralidade, sendo a condição específica para a vida política. Desse modo, a pluralidade é a condição da ação humana na qual todos são iguais (humanos) na medida em que todos podem aparecer em público de um modo tal que ninguém, jamais, é igual, isto é, no sentido de que cada um mostra-se de maneira singular.

Portanto, *vita activa* designa três atividades humanas que correspondem a três condições básicas da vida humana. Para Hannah Arendt, essas atividades são de suma importância já que estão intimamente relacionadas com a condição mais geral da existência humana, a saber, o nascimento/natalidade e a morte/mortalidade.

Diante disso, cabe esclarecer que o trabalho assegura a sobrevivência do indivíduo e da vida em espécie. A obra, por sua vez, confere durabilidade e permanência à vida mortal e, por fim, a ação cria a condição para a lembrança e para a história.

Feitas essas considerações preliminares, passamos então para a questão do advento do social e a ascensão do trabalho.

## **O advento do social e a ascensão do trabalho**

---

<sup>2</sup> Tratamos as palavras “ser humano” e “homem” como intercambiáveis. Cumpre notar, no ponto, que Hannah Arendt se vale do termo “homem” com essa acepção mais geral.

O advento do social e a ascensão do trabalho marcam a era moderna e o mundo moderno. Por isso, discutiremos e identificaremos alguns dos elementos que contribuem para a compreensão desses acontecimentos segundo Hannah Arendt.

Nesse sentido, o primeiro ponto a destacarmos é a ascensão da administração do lar para a esfera pública, fato que ocasionou o apagamento da distinção entre público e privado. Essa situação causou, até mesmo, a alteração desses termos, tendo em vista o aparecimento da sociedade<sup>3</sup>.

Isso porque, antigamente (mais precisamente, na Grécia Antiga), a esfera privada correspondia ao estado de encontrar-se privado<sup>4</sup> de alguma coisa, de modo que a vida privada não era considerada humana. Contudo, na modernidade, a privatividade passou a significar a esfera do íntimo, em oposição ao social.

Hannah Arendt inclusive traz o exemplo de Rousseau, para o qual o íntimo e o social seriam formas subjetivas da existência humana, em oposição às esferas do público e do privado dos gregos antigos, as quais consistiam em lugares objetivos da realidade. Para Rousseau, no entanto, a esfera do íntimo era uma reação rebelde contra o conformismo da sociedade, já que essa sociedade seria a absorção da unidade familiar por grupos sociais, de modo que a única igualdade percebida seria a dos membros do lar ante o poder despótico do chefe<sup>5</sup>.

Nesse sentido, a sociedade marcada pela era moderna exclui a possibilidade de ação e refundação política, característica essa marcante do espaço público na Grécia antiga, tendo em vista que espera de cada um certo tipo de comportamento. Desse modo, percebemos uma nítida redução do público às necessidades biológicas que caracterizavam a privação na antiguidade, de maneira que se tornou possível unificar todas as pessoas em torno de um interesse<sup>6</sup>.

---

<sup>3</sup> Palavra de origem romana (*societas*), que significa uma aliança entre pessoas para um fim específico. A esse respeito, Odílio Aguiar refere que a sociedade é vista como fraternidade, como família, indiferenciada e com interesse único, motivo pelo qual constitui uma unidade muda, um consenso anônimo com opinião única. Consequentemente, tal unidade tenderia para a normalização do comportamento dos indivíduos, de maneira bastante diversa das comunidades políticas, as quais propiciariam relações entre pessoas livres e ativas, que não seriam meras posições ou funções da sociedade (AGUIAR, Odílio Alves. A Questão Social em Hannah Arendt. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, vol.27, no.2, p.12).

<sup>4</sup> Privado é usado, aqui, no sentido de privação, de carência, designando a experiência da falta de algo.

<sup>5</sup> Notamos, no ponto, que tal igualdade diverge substancialmente daquela experimentada pelos cidadãos gregos, os quais podiam aparecer em público e distinguir-se dos demais de maneira singular.

<sup>6</sup> Adriano Correia afirma que tal unidade consiste na absorção de diversos grupos sociais por uma sociedade única, a qual abrange e controla todos. Disso decorre o modelo de uma grande família a zelar

Por isso, o advento do social se traduz por uma grande unidade familiar hierárquica, pois agora as necessidades da esfera privada são deslocadas à esfera do público. Essa é a grande característica do advento do social e é por esse fato que o trabalho (atividade destinada à manutenção da vida e das necessidades vitais) ganha estatuto privilegiado na modernidade, tendo em vista o interesse social compartilhado de satisfação das necessidades.

Verificamos, conseqüentemente, um processo de expansão da privatividade e de elevação da satisfação das necessidades vitais (dependência mútua em prol da subsistência), da promoção da uniformidade e da decorrente substituição da ação pelo comportamento. A política, assim, passa a ser vista como função da sociedade, motivo pelo qual “questões privadas da sobrevivência adquirem interesse coletivo”<sup>7</sup>.

Com efeito, a sociedade tende a normalizar e convencionar regras, esperando, ao invés de ações, meros comportamentos de seus indivíduos. Desse modo, Hannah Arendt nos diz que a diferença/distinção da individualidade restou relegada aos assuntos privados do indivíduo (à esfera do íntimo), visto que o social absorveu os grupos sociais em um único e controla todos os membros, os quais acabam com uma igualdade meramente formal/jurídica (não mais a igualdade de aparecimento e distinção na vida pública da antiguidade, meio pelo qual os cidadãos mostravam-se como individualidades), já que todos são privados (sentem falta, ausência) e compartilham essa igualdade de interesse (essa falta, carência).

Diante disso, surge o interesse pela estatística, a ciência que trata de grandes números e atos cotidianos, reservando o espaço da ação e dos grandes feitos a “desvios”. Por meio da estatística, constatamos inclinações na sociedade, como se todos fossem meras funções conformes a algum interesse único, como autômatos.

Arendt dirá que essa uniformidade estatística é o ideal político na sociedade moderna, submersa na rotina da vida cotidiana. Com efeito, chamará tal ideal de “ficção comunística”, a qual supõe um único interesse na sociedade guiado por uma “mão invisível”, a qual produziria harmonia entre os interesses conflitantes.

---

pelas necessidades vitais de todos (CORREIA, Adriano. A Questão Social em Hannah Arendt: apontamentos críticos. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 20, n. 26, jan./jun. 2008, p.104).

<sup>7</sup> CORREIA, Adriano. A Questão Social em Hannah Arendt: apontamentos críticos. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 20, n. 26, jan./jun. 2008, p.102.

Desse modo, o social visa à estabilidade necessária para preservação da vida, implicando um conformismo como garantia de estabilidade e da dependência mútua em prol da vida. Oportuno assinalarmos, ainda, a relação entre a ascensão do social e a sociedade de massas, já que a sociedade espera certo tipo de comportamento comum de caráter monolítico, previsível e manipulável, porquanto os homens estão unidos como membros da humanidade, naturalmente sujeitos às mesmas necessidades<sup>8</sup>.

Portanto, Hannah Arendt afirma que a vitória da sociedade a partir do advento do social e da ascensão do trabalho pode ser verificada na substituição da ação pelo comportamento, na substituição do governo pessoal pelo governo de ninguém (ideal de “mão invisível” da burocracia) e no surgimento das ciências sociais ou “ciências comportamentais”, as quais objetivam reduzir o homem como um todo a um animal comportado e condicionado.

Diante disso, na sociedade, o *animal laborans* reina, já que tal organização pública destina-se à sobrevivência e à satisfação do processo vital. Conseqüentemente, o trabalho foi “promovido” à estrutura de coisa pública, sendo visível esse fato na chamada divisão do trabalho (mecanização do processo de trabalho). Hannah Arendt salienta, pois, que embora tenhamos nos tornado excelentes na atividade do trabalho, perdemos a nossa capacidade de ação (e discurso).

O bem comum, com efeito, “passou a ser coisas e não o mundo comum que nasce da convivência livre dos cidadãos, campo da memória e da imortalização”<sup>9</sup>, de modo que a propriedade (antes considerada o lugar no mundo de cada um) transformou-se em acumulação de riqueza. Percebemos, outrossim, a redução da política a governo, administração, pois a obra (*work*) “como capacidade de oferecer objetos e artefatos que tornassem o mundo um abrigo em relação à natureza transformou-se em mera função”<sup>10</sup>.

O resultado disso é a sociedade de massas, nas quais os homens são reduzidos à função de suporte do ciclo vital, à funcionalização e ao consumo. Como consequência dessa “biologização” da vida, a natureza invade o campo do artifício e gera a

---

<sup>8</sup> CORREIA, Adriano. A Questão Social em Hannah Arendt: apontamentos críticos. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 20, n. 26, jan./jun. 2008, p. 103.

<sup>9</sup> AGUIAR, Odílio Alves. A Questão Social em Hannah Arendt. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, vol.27, no.2, 2004, p.14

<sup>10</sup> AGUIAR, Odílio Alves. A Questão Social em Hannah Arendt. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, vol.27, no.2, 2004, p.11.

funcionalização e massificação do homem que, sem qualidades (sem distinção ou individualidade), passa a ser intercambiável e supérfluo<sup>11</sup>.

Contudo, para Hannah Arendt, a excelência dos homens somente seria realizada na convivência e nas relações humanas, necessitando-se de um domínio para se mostrar como vida singularizada e humana na pluralidade. Diferentemente, as sociedades de massas não formam cidadãos, mas consumidores e pessoas com funções sociais, que são passíveis de um conformismo em relação à violência infinita posta pelo ciclo vital que constrange os homens<sup>12</sup>.

Por todo o exposto, extraímos que a esfera social é um híbrido entre privado e público, pois consiste na dimensão da publicidade (público) das necessidades (privado). Isso porque as atividades executadas privadamente passam a ter importância pública e, a partir dessa dinâmica de reprodução cíclica para a sobrevivência (*labor*), o trabalho invadiu o tempo livre na forma de entretenimento<sup>13</sup>.

Toda a cultura e artifício humano foram rechaçados em prol da dimensão natural e animal, da manutenção da vida biológica<sup>14</sup>. A consequência disso, como veremos no próximo tópico, é que até mesmo a arte e o discurso podem ser transformados em entretenimento.

### **Aplicando a teoria arendtiana: o caso específico do *Black Mirror***

Até aqui, vimos como se desenvolve o modelo teórico de Hannah Arendt. Primeiro, destacamos alguns conceitos essenciais para a compreensão do tema em questão; posteriormente, explicitamos a crítica arendtiana ao advento do social e suas consequências.

Agora, a fim de exemplificar as questões suscitadas no tópico precedente, passamos à análise de um caso específico em que é possível vislumbrar a aplicação dos conceitos

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p.11.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p.18.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.10.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p.11.

apresentados. Para tanto, nos valeremos do episódio 2 da primeira temporada do seriado *Black Mirror*, denominado “Quinze milhões de méritos”<sup>15</sup>.

Nesse episódio, a situação vislumbrada por Arendt é radicalizada, no sentido de que, efetivamente, o trabalho alcançou imensa primazia sobre as demais atividades, visto que, em um primeiro momento, a maioria dos indivíduos passa o seu dia trabalhando (exercitando-se) para ganhar pontos (“méritos”). Esses pontos, por conseguinte, servem para a aquisição de bens de consumo, os quais devem ser imediatamente<sup>16</sup> destruídos, não existindo nenhuma durabilidade, sendo que todos objetos são desmaterializados, virtuais, não reais<sup>17</sup>.

Já de início, resta cristalino o condicionamento social imposto pelos aparelhos televisivos de cada personagem, os quais recebem constantemente alertas de programas para assistir e, caso não queiram olhar esses vídeos, sofrem perturbação, dificultando qualquer tentativa de silêncio e quietude. Além disso, notamos certa incapacidade de comunicação entre os membros da sociedade, visto que não conversam uns com os outros, ou possuem dificuldade para se expressarem.

Outras observações se fazem devidas, como a relegação de serviços de baixo prestígio àqueles que não “trabalham bem” (basicamente, a aquisição de pontos a partir do trabalho dá-se no exercício de bicicleta, o que, supõe-se, é capaz de produzir energia ou algo do gênero, como holofotes). Ou seja, as pessoas que não realizam as tarefas e atividades esperadas, que não tem utilidade ou não exercem alguma função nessa sociedade, são descartadas e mandadas a outros locais (exemplificativamente, as pessoas com sobrepeso figuram nos jogos como “inimigas” e passam a exercer atividades de limpeza e faxina, bem como recebem tratamento vexatório), rechaçadas a uma espécie de “rebaixamento social”.

Apesar disso, é possível a ascensão social para uma nova realidade (quase que uma condição diferente, em que é possível obter certos bens duráveis e aparecer em público), a partir da participação das pessoas em concursos de talentos com a expectativa de um

---

<sup>15</sup> BLACK MIRROR. **15 Million Merits**. Escrito por: Charlie Brooker, Kanak Huq. Dirigido por: Euros Lyn. Reino Unido, 2011. Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse>>.

<sup>16</sup> Isso porque esses créditos (espécie de moeda digital) podem comprar apenas bens de consumo, sem durabilidade alguma, tais como: comida, pasta de dente, programas de TV, jogos e acessórios virtuais.

<sup>17</sup> Reais no sentido de *res*, de coisa, a qual possui durabilidade no mundo e existência independente.

lugar melhor para se viver. Para tanto, muitos “méritos” são necessários para participar do “Hot Shot”.

Então, na esperança de uma vida nova e de outras possibilidades que não as condições limitadas em que se encontra, a personagem Abi, encorajada por seu amigo Bing<sup>18</sup>, resolve participar do concurso em comento. Lá, a personagem se dispõe a cantar, apesar de seu receio em mostrar-se (aparecer em público), tendo como julgadores de seu talento três jurados.

Basicamente, após realizar seu número, os árbitros avaliam a moça e lhe dizem que ela não possui condições de ser cantora. Para não retornar à realidade limitada em que sobrevivia, ao mundo cíclico e reprodutivo do consumo, ela acaba por aceitar outra atividade após ser pressionada (tanto pelos jurados quanto pelo “público”, que é constituído por nada mais do que indivíduos anônimos que só aparecem na forma de hologramas computadorizados, ou seja, não aparecem como distintos e singulares) e questionada se gostaria de voltar a viver como antes.

Assim, ela passa a desempenhar profissão degradante em programa televisivo de mulheres que expõem seu corpo. Devido a tal fato, seu amigo permanece inconsolável com a atitude da moça e resolve também participar do concurso. Passa, por conseguinte, a exercitar-se diversas horas por dia para conquistar os pontos necessários e, após árduo esforço, alcança seu objetivo. Dessa forma, conquista os “méritos” para ser levado ao programa de talentos, podendo realizar o seu número em tal espaço.

Ao aparecer nesse concurso, Bing começa a discursar sobre os jurados do programa e sobre todos os que o assistem, em atitude combativa contra as práticas instauradas na sociedade, questionando a inexistência de objetos reais, gratuitos e bonitos, a ausência de sentido e sentimento nas relações e, principalmente, o hábito de consumo tomado irrefletidamente, pois ninguém sabe ao certo por que realiza esses comportamentos. Além disso, escondido, levou um pedaço de vidro no bolso e, após seu discurso, ameaça matar-se.

---

<sup>18</sup> Oportuno notarmos, quanto ao tema, que Bing herdou de seu irmão morto muitos créditos, os quais transferiu a Abi para realizar o sonho da moça em ascender socialmente. Antes dessa doação, no entanto, Bing mostra-se completamente entediado com sua vida, exercitando-se na sua bicicleta apenas para “passar o tempo”, pois ele não necessitava trabalhar em razão de sua herança. Do que extraímos desse fato, portanto, é que Bing nitidamente experienciava sua privação, seu vazio existencial por não possuir qualquer propósito ou objetivo. Sua vida, com efeito, resumia-se à dinâmica de reprodução cíclica e biológica animal, como *animal laborans*.

Contudo, para a surpresa de todos, os jurados elogiam seu número e questionam se ele não gostaria de ter um programa só seu, incitando-o a substituir sua “ação” espontânea por um comportamento ou função previsível e incapaz de produzir o novo, como um programa televisivo semanal. Desse modo, por mais que de início pareça que seu discurso tenha um sentido crítico em relação à sociedade vigente, esse mesmo personagem acaba por também se transformar em uma função da sociedade na forma de entretenimento<sup>19</sup>.

Por fim, Bing passa a viver de maneira diferente, um pouco mais real, possuindo objetos materiais duráveis e tendo contato com a natureza, porém sem qualquer expectativa de engendrar uma mudança ou novidade na sociedade, subsistindo apenas na forma de mero passatempo, como tantos outros.

### **Conclusão: a dificuldade de exercer as demais atividades humanas a partir da proeminência do trabalho**

Concluimos, ante o exposto, que a ascensão do trabalho a partir do advento do social é prejudicial para todas as demais atividades humanas (obra e ação), pois acaba por negar ou inserir tais atividades na dinâmica reprodutiva e cíclica do processo vital. Desse modo, todas as atividades passam a se assemelhar com o trabalho, pois consumimos tudo na forma de necessidade ou, quando possuímos tempo livre, na forma de entretenimento.

Tal constatação acaba por nos levar à reflexão de que o espaço público para ação se tornou tão minguado a ponto de ser praticamente impossível a realização da atividade eminentemente política, qual seja, a ação. Entretanto, como bem sabemos, Arendt crê que as instituições políticas e criações sociais são contingentes, podendo ser fundadas e refundadas a qualquer tempo.

Para isso ser possível, todavia, precisamos pensar (atividade de negação e destruição) sobre os fundamentos e o modo como vivemos até chegarmos ao abismo, a fim de possibilitar a crítica às instituições e formas de vida vigentes, refundando nosso ordenamento político e engendrando novas séries causais. Apesar disso, alertamos que a própria atividade crítica através do discurso, tal como ocorrida no episódio do *Black*

---

<sup>19</sup> Notamos, pois, a sugestão de que o personagem abandona a própria possibilidade de liberdade voluntariamente, em troca de recompensas e gratificações instantâneas, em busca de uma vida melhor. Destacamos, outrossim, o abandono da virtude política por excelência da coragem, de arriscar-se e colocar a vida em jogo na busca pela imortalidade do espaço público.

*Mirror* em comento, também é passível de transformação em entretenimento, motivo pelo qual a ação (espontânea e inesperada), hodiernamente, tornou-se mais difícil do que nunca nessa sociedade de massas e consumo.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Odílio Alves. A Questão Social em Hannah Arendt. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, vol.27, no.2, p. 7-20, 2004.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. Tradução de Roberto Raposo.

BLACK MIRROR. **15 Million Merits**. Escrito por: Charlie Brooker, Kanak Huq. Dirigido por: Euros Lyn. Reino Unido, 2011. Disponível em: <<https://www.netflix.com/browse>>.

CORREIA, Adriano. A Questão Social em Hannah Arendt: apontamentos críticos. **Rev. Filos.**, Aurora, Curitiba, v. 20, n. 26, p. 101-112, jan./jun. 2008.